UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO
UNAERP
JORNALISMO

Letícia Pane Orioli

GREVE DOS CAMINHONEIROS: ANÁLISE DOS EFEITOS DE DISCURSO DA COBERTURA MIDIÁTICA FORMAL E INFORMAL

RIBEIRÃO PRETO
2020

Letícia Pane Orioli

GREVE DOS CAMINHONEIROS: ANÁLISE DOS EFEITOS DE DISCURSO DA COBERTURA MIDIÁTICA FORMAL E INFORMAL

Monografia apresentado à Universidade de Ribeirão Preto – UNAERP como requisito para obtenção do título de bacharel em jornalismo.

Orientador: João Flávio de Almeida.

RIBEIRÃO PRETO

FICHA CARTOGRÁFICA

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor: ORIOLI, Letícia Pane

Título do trabalho: Greve dos Caminhoneiros: análise dos efeitos de discurso da cobertura midiática formal e informal.

O presente trabalho foi examinado, nesta data, pela Banca Examinadora composta dos seguintes membros:

_____

Prof.(a) Dr. João Flávio de Almeida

_____

Prof.(a) Examinador 1

_____

Prof.(a) Examinador 2

NOTA:_____ Ribeirão Preto _____/_____/ 2020**.**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, em primeiro lugar, à minha família que me amparou e me acolheu nesses quatro longos anos de graduação. Em especial ao meu avô, Clodoaldo Pane, que é uma referência pessoal e profissional para toda a nossa família e foi o primeiro a se orgulhar com a escolha da minha profissão. Nunca me esquecerei das suas palavras, Vô. Agradeço meus pais, Mônica e Juliano pela oportunidade de estudo e por tudo que me proporcionaram para chegar até aqui.

Agradeço (e muito, rs) meu querido professor e orientador João Flávio de Almeida que desde o segundo ano de faculdade acreditou na minha capacidade e no meu trabalho para me escolher como orientanda. Sem o seu apoio e esclarecimento, João, este trabalho não existiria. Agradeço a todos os professores envolvidos direta e indiretamente neste processo difícil, mas prazeroso. Agradeço, também, meus amigos que me apoiaram, aconselharam e acreditaram em mim quando foi necessário.

RESUMO

Análise comparativa da cobertura midiática formal e informal da marcante Greve dos Caminhoneiros que ocorreu em maio de 2018. Esta pesquisa é importante do ponto de vista das consequências do acontecimento não só no âmbito social, mas também no econômico, político e, sobretudo, no âmbito do jornalismo. A importância da cobertura midiática de tal evento foi grande, e desvelou uma diferença importante entre a cobertura dita "formal" em relação à cobertura "informal". Enquanto a cobertura formal (realizada por corporações midiáticas e jornalísticas: jornais, rádios, sites, canais de TV etc.) se deu de forma convencional, que implica um tempo maior de apuração da informação, a informal (realizada por sujeitos anônimos em redes sociais) antecipou, cobriu e até organizou a greve com uma agilidade impossível de ser acompanhada pelo jornalismo tradicional, ainda que em detrimento da apuração da informação. Calcada no campo teórico conhecido como Análise do Discurso (PÊCHEUX, 2010; ORLANDI, 2001), esta pesquisa teve como objetivo analisar os efeitos discursivos que cada cobertura produziu, salientando o antagonismo entre "velocidade" e "apuração" que se dá nas diferentes coberturas midiáticas que cada dia mais se contrapõem na contemporaneidade. A metodologia utilizada consistiu, na primeira etapa, na coleta de dados primários e secundários sobre a cobertura midiática oficial Folha de São Paulo, Estadão e El País) bem como sobre a cobertura midiática informal (Facebook, em seus grupos fechados de produção e circulação de informações). Na segunda etapa esses dados foram analisados juntamente com as entrevistas diretas qualitativas com seis diferentes caminhoneiros, que foram interrompidas depois da sexta pessoa por saturação – respostas começaram a se repetir. A pesquisa permitiu identificar alguns resultados preliminares que apontam para os riscos da informação rápida, imprecisa e não-verificada que circula nas redes sociais; mas aponta também para a necessidade urgente de que a cobertura formal jornalística se torne mais rápida na produção do conteúdo apurado para acompanhar a velocidade do mundo atual.

Palavras-chave: Greve dos Caminhoneiros. Cobertura jornalística. Cobertura formal. Cobertura informal. Redes sociais.

ABSTRACT

Comparative analysis of the formal and informal media coverage of the remarkable Truckers' Strike that occurred in May 2018. This research is important from the point of view of the consequences of the event not only in the social sphere, but also in the economic, political and, above all, in the sphere of journalism. The importance of the media coverage of such an event was great, and revealed an important difference between the so-called “formal” coverage in relation to the “informal” coverage. While formal coverage (carried out by media and journalistic corporations: newspapers, radios, websites, TV channels, etc.) took place in a conventional way, which implies a longer period of information collection, informal (carried out by anonymous subjects on social networks)) anticipated, covered and even organized the strike with an agility impossible to be followed by traditional journalism, albeit at the expense of investigating information. Based on the theoretical field known as Discourse Analysis (PÊCHEUX, 2010; ORLANDI, 2012), this research aimed to analyze the discursive effects that each coverage produced, highlighting the antagonism between "speed" and "calculation" that occurs in the different coverage media that are increasingly opposed in contemporary times. The methodology used consisted, in the first stage, of the collection of primary and secondary data on the official media coverage Folha de São Paulo, Estadão and El País) as well as on informal media coverage (Facebook, in its closed groups of production and circulation of information). In the second stage, these data were analyzed together with the qualitative direct interviews with six different truck drivers, which were interrupted after the sixth person due to saturation - responses began to repeat. The research made it possible to identify some preliminary results that point to the risks of fast, inaccurate and unverified information circulating on social networks; but it also points to the urgent need for formal news coverage to become faster in producing the content found to keep up with the speed of the current world.

Keywords: Truckers Strike. News coverage. Formal coverage. Informal coverage. Social networks.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 9
1 BREVE DESCRIÇÃO DA GREVE DOS CAMINHONEIROS 14
2 O QUE É ANÁLISE DE DISCURSO..... 22
3 FUNCIONAMENTO DISCURSIVOS DOS VEÍCULOS OFICIAIS E NÃO-OFICIAIS 31
3.1 ANÁLISE SOBRE O IMAGINÁRIO DA INFORMAÇÃO CONTEMPORÂNEA 36
4 A GREVE NOS VEÍCULOS OFICIAIS 45
5 A GREVE NOS VEÍCULOS NÃO-OFICIAIS ....**Error! Bookmark not defined.**

INTRODUÇÃO

A Greve dos Caminhoneiros foi uma marcante manifestação popular no Brasil em maio de 2018. Caminhoneiros de todo País se organizaram pelas redes sociais, mais especificamente via WhatsApp e grupos de Facebook e paralisaram as atividades em rodovias brasileiras do dia 21 até o dia 30 de maio. O protesto aconteceu em função do valor do combustível, principalmente do óleo diesel, realizados pela Petrobras durante o governo de Michel Temer – o fim da cobrança de pedágio também foi uma das questões levantadas.

Segundo estimativas de Paulo Feldman (2018), professor da Faculdade de Engenharia de Alimentos da Universidade de São Paulo (Usp), os distúrbios causados pela greve geraram perda de produção econômica de pelo menos 30 bilhões de reais. Isso porque 75% das mercadorias no Brasil têm seu escoamento feito pela malha rodoviária de acordo com a pesquisa “Custos Logísticos no Brasil”, da Fundação Dom Cabral (BBC NEWS, 2018). Falta de produtos básicos do dia a dia como alimento, combustível, medicamentos e até insumos para produção de outros itens foram fundamentais para o colapso econômico.

FIGURA 1 – Charge sobre o preço das ações da Petrobrás

Fonte: Jornal VS (26/02/2015)

A organização e as primeiras coberturas desse movimento aconteceram de maneira informal, ou seja, através da população e dos próprios caminhoneiros via redes sociais (Facebook) com textos, fotos e vídeos sendo publicados, até antes de 2018, como a charge acima mostra – antes da Greve ocorrer, caminhoneiros já falavam de se organizar e tinham consciência que se isso acontecesse, uma das maiores consequências seria a queda das ações da Petrobrás, como de fato aconteceu.

As questões que envolvem esse trabalho são que, embora tal cobertura seja mais rápida, a qualidade e veracidade das informações podem ficar comprometidas? Em contrapartida, a cobertura dos veículos tradicionais (Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e El País), ainda carregam valor e qualidade? Assim, cada cobertura (formal e informal) pode ter produzido sentidos diferentes para o mesmo fato (Greve dos Caminhoneiros).

Metodologicamente, esta será uma pesquisa qualitativa, descritiva exploratória, em que, a partir da Análise do Discurso, serão feitos um corpus de análise composto matérias jornalísticas publicadas em veículos ditos oficiais, e posts publicados em grupos de Facebook constituídos, principalmente, por caminhoneiros. Posteriormente, esse corpus de análise será cotejado com a teoria da Análise de Discurso.

> A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 2001, p.15)

A Análise de Discurso (doravante A.D.) é um dispositivo teórico usado para desmontar evidências, verdades e sentidos naturalizados, na intenção de melhor compreender o funcionamento de um determinado discurso: a quem se destina? Quem se beneficia e administra o discurso dominante (quem domina o discurso dominante)? Qual é seu histórico? Como se tornou evidente? Portanto, a Análise de Discurso não se preocupa em fornecer interpretações sobre um acontecimento ou sobre um discurso; ao contrário: se preocupa em analisar e questionar o exato instante em que uma interpretação é tida como verdadeira, automática e naturalizada. Quando não há dúvidas, é ali que a Análise de Discurso se coloca a pensar e desnaturalizar sentidos.

A metodologia foi calcada, também, em duas etapas. Na primeira etapa, na coleta de dados primários e secundários sobre a cobertura midiática oficial (onde escolhemos especificamente os jornais Folha de São Paulo e Estadão) bem como sobre a cobertura midiática informal (onde escolhemos apenas a mídia social Facebook, em seus grupos fechados de produção e circulação de informações). Na segunda etapa esses dados analisados segundo a metodologia fornecida pela própria Análise do Discurso, que consiste no cotejamento entre dados e teoria na forma de espiral, que busca aprofundamento da análise dos dados ancorados pela teoria.

> A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 2001, p. 15).

Sendo assim, essa pesquisa tem dois objetivos. O primeiro é analisar a produção e a circulação de informações em veículos discursivamente legitimados, ou seja, veículos oficiais como Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e El País. O segundo é fazer uma contraposição entre esses veículos oficiais e os veículos alternativos, mais especificamente o Facebook. Tendo como base o campo teórico da Análise do Discurso (ORLANDI, 2001), será possível analisar os efeitos discursivos que cada cobertura produziu, salientando o antagonismo entre “velocidade” e “apuração” que se dá nas diferentes coberturas midiáticas que cada dia mais se contrapõem na contemporaneidade. A busca pelos sentidos que, tanto a cobertura alternativa, quanto a cobertura tradicional produzem também fazem parte dos objetivos do projeto.

Pautada na teoria da Análise, é possível identificar os riscos da informação rápida, imprecisa e não-verificada que circula nas redes sociais e, há quem ache que o jornalismo não oficial por parte das massas poderia ganhar qualidade. Além disso, a desconstrução do imaginário que as pessoas tinham em relação à mídia tradicional também é uma importante observação. Há quem acredite que um possível caminho para essa questão seria a mídia tradicional acompanhar as plataformas digitais para a notícia não ficar

‘defasada’, além de dar mais atenção para a participação do público, assim como para o que o mesmo quer ler e ver nas matérias.

> A Análise de Discurso faz um outro recorte teórico relacionando língua e discurso. Em seu quadro teórico, nem o discurso é visto como uma liberdade em ato, totalmente sem condicionantes linguísticos ou determinações históricas, nem a língua como totalmente fechada em si mesma, sem falhas ou equívocos. As sistematicidades linguísticas – que nessa perspectiva não afastam o semântico como se fosse externo – são as condições materiais de base sobre as quais se desenvolvem os processos discursivos. A língua é assim condição de possibilidade do discurso. No entanto a fronteira entre língua e discurso é posta em causa sistematicamente em cada práticas discursiva, pois as sistematicidades acima referidas, não existem, como diz M. Pêcheux (1975), sob a forma de um bloco homogêneo de regras organizado à maneira de uma máquina lógica. A relação é de reconhecimento, não havendo portanto uma separação estável entre eles. (ORLANDI, 2001, p.22)

Logo, essa pesquisa se justifica por conta das consequências desse importante acontecimento não só no âmbito social, mas também no econômico, político e, sobretudo, no âmbito do jornalismo. A importância da cobertura midiática de tal evento foi grande, e desvelou uma diferença importante entre a cobertura dita “formal” em relação à cobertura “informal”. Enquanto a cobertura formal (realizada por corporações midiáticas e jornalísticas: jornais, rádios, sites, canais de TV etc.) se deu de forma convencional, que implica um tempo maior de apuração da informação, a informal (realizada por sujeitos anônimos em redes sociais) antecipou, cobriu e até organizou a greve com uma agilidade impossível de ser acompanhada pelo jornalismo tradicional, ainda que em detrimento da apuração da informação.

O estudo, ainda, busca contribuir para o entendimento da convergência que vivemos hoje entre jornalismo tradicional com mídias digitais. A Revolução Digital a qual estamos passando é responsável por muitos acontecimentos históricos, como a Greve dos Caminhoneiros. Por isso, analisar um veículo de centro (Folha de São Paulo), de direita (O Estado de São Paulo) e de esquerda (El País) assim como uma plataforma digital que se tornou um centro de notícias informais (Facebook), será de extrema relevância para esse trabalho. O poder das redes ainda é subestimado e desconhecido, e o uso delas é, muitas vezes, equivocado. A velocidade é um ponto a favor das redes, mas a qualidade e veracidade são as características mais importantes. É nesse contexto que a mídia tradicional reafirma sua importância.

O cronograma irá se basear na introdução somada a quatro capítulos. A introdução, como já mostrada, irá apresentar brevemente o tema, problema, objetivos, justificativas e metodologia. O primeiro capítulo irá descrever o que foi a Greve, de maneira resumida, e apontando os principais acontecimentos do início até o seu fim. O segundo será sobre o estudo da Análise de Discurso a partir da obra de Eni P. Orlandi, que se aprofundará na essência da teoria sobre discursos, ideologia, campos discursivos etc. Além disso, ela irá pautar o estudo dos discursos criados por ambas as mídias estudadas, fazendo uma comparação entre elas. Já o terceiro irá analisar exatamente os funcionamentos discursivos nos veículos tradicionais e nos alternativos, com um subcapítulo de entrevistas com caminhoneiro. O quarto trará, a Greve do ponto de vista das mídias oficiais e das não-oficiais comparando, analisando e discutindo os funcionamentos discursivos de ambas.

FIGURA 2 – Caminhões paralisados em rodovias e postos de combustíveis

Fonte: Veja (16/04/2019)

1 BREVE DESCRIÇÃO DA GREVE DOS CAMINHONEIROS

A Greve dos Caminhoneiros começou no final de maio de 2018 (21/05) durante o governo de Michel Temer e durou dez – longos – dias. O movimento exigia uma redução nos preços dos combustíveis, mais precisamente do óleo diesel que havia tido um aumento de mais de 50% em relação ao último ano (2017). O fim da cobrança de pedágio por eixo suspenso e o fim do PIS/Cofins sobre o diesel também foram reivindicados na organização.

A paralização aconteceu em 24 estados e rendeu uma dívida de 30 bilhões para o Brasil naquele ano segundo a pesquisa “Custos Logísticos no Brasil”, da Fundação Dom Cabral (BBC NEWS, 2018). A falta de fornecimento de combustíveis e distribuição de alimentos e medicamentos levou o País a superlotação e estoque desses produtos por parte da população que chegou à beira do colapso. Era comum ver nos jornais longas filas em postos de combustíveis de carros abastecendo o quanto podiam com medo da falta.

No dia 21 de maio de 2018 (início da paralização), o aumento do dólar e do petróleo no mercado internacional ocasionou o aumento no preço do óleo diese. Isso porquê desde 2016 o mercado internacional passou a servir como base para a oscilação de preços dos combustíveis na Petrobrás. Imediatamente, caminhoneiros de pelo menos 17 Estados brasileiros bloquearam rodovias em forma de protesto.

Segundo a matéria “Greve dos caminhoneiros: a cronologia dos 10 dias que pararam o Brasil” do Uol (2018), a Abcam (Associação que representa parte dos caminhoneiros autônomos), havia cobrado o presidente Michel Temer uma semana antes da greve por "medidas efetivas do Governo diante do aumento constante das refinarias e dos impostos que recaem sobre o óleo diesel". Ainda segundo a matéria, a associação ameaçava convocar uma manifestação caso os pedidos não fossem atendidos. Fica nítido, portanto, que já havia uma organização informal por parte da classe caminhoneira antes de tudo acontecer.

Dia 22 de maio, a greve ganha espaço e se estende por, pelo menos, 24 Estados. As consequências econômicas já começavam a aparecer, considerando que dois terços do transporte de carga no Brasil são feitos via caminhões. Algumas montadoras, inclusive, decidira reduzir a produção porque já imaginavam o estrago que estava por vir. No dia 23 do mesmo mês, o ex-

presidente da Petrobras, Pedro Parente, reduziu em 10% o preço do óleo diesel por, aproximadamente, 15 dias e também congelou qualquer alteração neste período. Apesar disso, representantes do governo ainda 'ignoravam' a paralisação.

FIGURA 3 – Protesto dos caminhoneiros

Fonte: G1 Economia (29/05/2018)

Dia 24 de maio, principais efeitos negativos começaram a aparecer na vida da população. Falta de abastecimento de combustíveis – resultando no aumento de preço nos postos -, falta de comida, cancelamento de aulas em escolas e universidades, falta de medicamentos, voos e viagens de ônibus canceladas. Cada dia que passava da greve ficava pior a situação. Conflitos entre população, governo e caminhoneiros só aumentava. Discursos anticorrupção começaram a fazer parte da reinvindicação, juntamente com algumas pessoas apoiando a intervenção militar, assim como aconteceu em 1964. Neste mesmo dia, começaram as primeiras negociações entre os manifestantes e o governo para um possível fim, mas uma das principais exigências não foi acordada nessa reunião (isenção do PIS-Cofins sobre o óleo diesel). O ministro Carlos Marun disse, em uma coletiva de imprensa (2018), que a desoneração de PIS-Cofins poderia ser discutida "em outro momento". Isso gerou mais revolta nos manifestantes.

Mais um capítulo para a história, no dia 25 de maio o ex-presidente Michel Temer acionou as Forças Armadas (exército) dando total poder para conter a greve a fim de "garantir a distribuição de combustíveis nos pontos

críticos", fazer "a escolta de comboios, proteger infraestruturas críticas e desobstruir as vias próximas a refinarias de petróleo e centros de distribuição de combustíveis” (MESQUITA, 2018) O Supremo Tribunal Federal (STF), ainda, deu carta branca para remover manifestantes que estivessem bloqueando as vias. Além disso, a instituição autorizou aplicar multas de R$ 100 mil para grupos que organizassem esse tipo de evento e de até R$ 10 mil para quem bloqueasse as vias.

Dia 26 de maio, situação começou a voltar ao normal depois das multas e ordens do dia anterior. Rodovias voltaram a ter fluxo de veículos, incluindo caminhões e alguns aeroportos voltaram a ser abastecidos. As forças de segurança de algumas cidades abasteceram ambulâncias e ônibus. No dia seguinte (27), a Abacam assinou um acordo para finalizar a greve com os caminhoneiros autônomos e disse que tiveram algumas vitórias. Porém, a paralização continuou e os petroleiros aderiram à greve também.

FIGURA 4 – Manifestantes usam cartazes na paralização

Fonte: Veja Economia (25/11/2019)

Especificamente no dia 27, o ex-presidente Michel Temer anunciou um acordo e mais três medidas provisórias. Esse acordou consistiu em: redução do preço do diesel em quarenta e seis centavos por litro (permaneceria pelos próximos sessenta dias seguintes) e os reajustes de preços seriam feitos mês

a mês. Já as medidas foram: pelo menos trinta por cento das contratações de frete feitas pela Companhia Nacional de Abastecimento seriam de caminhoneiros autônomos e através do intermédio de cooperativas; estabelecimento de preços mínimos para os fretes e, por último, a isenção de pagamento de pedágio por caminhões que estivessem vazios.

No dia 28 de maio, os reflexos começaram a ficar mais expressivos, principalmente em relação aos desabastecimentos de serviços essenciais como hospitais, farmácias, mercados etc. Em função das restrições feitas por manifestantes à entrada e saída de caminhões-tanque na Refinaria de Duque de Caixas (Reduc), o Ministério Público Federal pediu esclarecimentos ao Gabinete de Intervenção Federal (RJ).

Perto do fim, no dia 29 ainda do mesmo mês, a quantidade de caminhões parados era bem menor que nos dias anteriores. O preço alto que a sociedade começava a pagar pela inflação dos produtos resultou em diversas denúncias para o Procon. Com isso, os órgãos responsáveis começaram a aplicar multas e a interditar estabelecimentos que se aproveitaram da situação para elevar os preços de forma injusta e abusiva. Polícia Federal abriu inquéritos para investigar a paralização.

FIGURA 5 – Postos de combustível desabastecidos durante a Greve

Fonte: El País (25/05/2018)

O dia do fim (30/05/2018) foi marcado pela atuação mais pontual das Forças Armadas para desobstruir, por completo, as estradas de todo Brasil. Embora a retomada das atividades caminhassem em passo lento, os locais começaram a serem reabastecidos e, aos poucos, a normalidade foi voltando.

Depois de dez dias com estradas paradas e cidades vivendo de estoques, a Greve terminou. O que restou foi um prejuízo de mais de R$ 15 bilhões de reais, muita falta de insumos básicos e a clara dependência na malha rodoviária (Uol, 2018). Muitos animais, inclusive, tiveram que serem sacrificados no setor da agropecuária em função da paralização – já que não chegava ração para os animais. Produtores de alimentos e bebidas tiveram que jogar muitos produtos fora por terem estragado.

Pela primeira vez ficou nítido o quanto o País é dependente do transporte rodoviário. Aulas, provas, viagens de ônibus e avião foram canceladas, alimentos foram jogados fora – por serem perecíveis estragaram pela paralização. Em menos de uma semana, cidades decretaram calamidade pública e estado de emergência. Ações da Petrobrás – responsável pelo preço dos combustíveis – caíram 34% e o prejuízo foi na casa dos 130 bilhões. As Forças Armadas foram acionadas para desobstruir as estradas.

A economia brasileira, portanto, depende diretamente dos recursos rodoviários e é preciso dar boas condições para esse setor.

> Isso porque dois terços do transporte de carga do país são feitos por caminhões — sem contar minério e petróleo cru, a proporção sobre para mais de 90%. Nos Estados Unidos, por exemplo, o percentual é de 43%. Além disso, a estrutura rodoviária do país é precária: tem apenas 211.000 quilômetros, enquanto os EUA têm 4,3 milhões de quilômetros e a China, 4 milhões de quilômetros. Nos cálculos do Instituto de Logística e Supply Chain (Ilos), a má qualidade das estradas faz que o caminhoneiro brasileiro leve um mês para rodar 4.400 quilômetros, o que dá uma velocidade média de 5 km/h. Isso encarece o preço do transporte e, consequentemente, do frete. (GREVE..., 2018)

Outra questão a se pensar em relação ao fato foi que como ele antecedeu as eleições de 2018 – uma das maiores eleições que o Brasil já teve em função da polarização política – serviu também como campanha eleitoral. Assim muitos políticos utilizaram do momento para se beneficiar politicamente, apoiando e incentivando os caminhoneiros. Partidos relativamente pequenos saíram com muitos eleitores novos. O atual presidente (Jair Bolsonaro), na época apoiou a greve, mas condenou a paralização das rodovias.

Políticos de todos os partidos e lados aproveitaram para enaltecer a classe dos caminhoneiros e mostrar a vida difícil que eles levam a fim de conquistar mais eleitores. A vida que o caminhoneiro brasileiro leva, de fato, é difícil. Jornadas exaustivas, não recebimento de horas extras, distância da família e descaso com o descanso são algumas das dificuldades que essa categoria enfrenta.

FIGURA 6 – caminhões parados na rodovia

Fonte: El País (25/05/2018)

A importância desse trabalho não é compatível com a remuneração e reconhecimento que eles recebem. Outro problema que eles enfrentam é a falta de registro em Carteira de Trabalho e da Previdência Social (CTPS). Muitos concordam em trabalhar sem registro para não perderem o emprego que, muitas vezes, é a única fonte de renda de sua família (“Como é ser um caminhoneiro no Brasil”, 2019).

O uso de medicamentos proibidos também é um grande problema. Esses medicamentos, como o Rebite, servem como inibidores de sono para o caminhoneiro ter uma maior produtividade (rodar mais quilômetros por dia). No entanto, os efeitos colaterais mais comuns desse remédio é o aumento do batimento cardíaco e da pressão arterial que pode ocasionar um infarto. Além

disso a perda de peso, confusão mental, desnutrição, visão desfocada também são sintomas graves que comprometem a saúde de quem usa.

Segundo uma matéria feira pelo site Ergonomia da Atividade, estudos desenvolvidos sobre as condições de trabalho e de vida destes trabalhadores mostram que 59,5% dos trabalhadores entrevistados são autônomos e 58,5% viajam em rota curta, trabalhando em média 12,7 horas diárias, com 5 a 8 horas de sono. (CONDIÇÕES..., 2018).

Uma matéria da revista Auto Esporte descreve a vida dos caminhoneiros com precisão.

> Um barulho de alarme o desperta — chega ao fim mais uma noite de sono. Como quase todas na última semana, esta também deixou suas marcas no corpo, um torcicolo. A cama já não é tão confortável, mas não há tempo para se preocupar com isso. Lá fora a noite ainda é mais escura do que o café servido. Ossos do ofício: o horário de circulação da carga abrirá em breve e não se pode perder um minuto sequer parado no posto. (COMO..., 2019).

Além disso, a matéria explica as diferenças entres os tipos caminhoneiros (urbanos, mistos, estradeiros, carreteiros, graneleiros, etc.) e conta histórias de alguns trabalhadores desse setor passam uma vida toda (ou quase) dentro de uma cabine.

Fica nítido, assim sendo, que a profissão é difícil e muito desgastante. Horas na estrada, sono, dores musculares, péssimas condições em postos de gasolina e a distância da família contribuem para os prejuízos físicos e emocionais que esses trabalhadores possuem.

Somado a isso, existe a questão do combustível no Brasil – o insumo mais importante para o trabalho de um caminhoneiro. A Petrobras, estatal que produz os combustíveis, não acompanha o mercado internacional na questão dos preços. Ela possui critérios próprios a fim de evitar a grande oscilação dos preços. Assim, o preço do combustível do Brasil independe do valor do barril de petróleo no exterior.

A contradição existe quando, mesmo não acompanhando o mercado internacional, o preço do combustível no Brasil oscila tanto quanto (ou mais) que no exterior. Um levantamento feito pela ValeCard (“Greve: preço da gasolina varia até 99,85% nos postos”, 2018) – empresa especializada em gestão de frotas – constatou que, durante a Greve, os preços dos combustíveis oscilaram em 173%, ou seja, foram de R$ 3,87 até R$ 10,56.

A Greve dos Caminhoneiros representou a insatisfação por esses aumentos absurdos por parte dos caminhoneiros, mas representou também todo um País que questiona e quer entender o que paga e pelo o que paga. A Greve foi importante para dar visibilidade e importância para o setor, mostrando que sem as rodovias e sem as frotas, o Brasil não acontece.

Este capítulo teve como objetivo central fazer uma breve descrição do fato escolhido em para este projeto. As apresentações dos fatos facilita o entendimento, além de mostrar cronologicamente a ordem deles. Dessa forma, é possível entender a importância dos fatos e as consequências, sociais, econômicas e, até, políticas que a Greve trouxe.

FIGURA 7 – outras pautas fazem parte do protesto, como política

Fonte: Midia Max (11/12/2019)

2 O QUE É ANÁLISE DE DISCURSO

A Análise de Discurso consiste na construção de uma ferramenta que interpreta a própria interpretação. A análise ocorre em COMO a interpretação do objeto foi feita, ou seja, a forma que o objeto significa de maneira não linear do texto. Segundo Orlandi (2001), essa interpretação ocorre em dois momentos. O primeiro é que a interpretação faz parte do objeto de análise, interpretar um discurso é dar sentido a ele a partir da análise. Já o segundo, diz que o próprio sujeito que analisa está inserido na interpretação. Assim, surge a junção de Linguística, Marxismo e Psicanálise na Análise de Discurso. O discurso mostra a relação entre elementos sociais, estruturais e psicológicos e deixa nítido que essa relação é complexa e não acontece de “termo-a-termo”.

> Desse modo, se a Análise de Discurso é herdeira das três regiões de conhecimento – Psicanálise, Linguística, Marxismo – não o é de modo servil e trabalha uma noção – a de discurso – que não se reduz ao objeto da Linguística, nem se deixa absorver pela Teoria Marxista e tampouco corresponde ao que teoriza a Psicanálise. Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo mofo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele. (ORLANDI, 2001, p. 20).

Sendo assim, sociedade e ideologia nascem juntas**.** Ideologia é um conjunto de símbolos, valores, costumes, regras que uma determinada sociedade compartilha. Ela surge para organizar a sociedade, ou seja, categorizar grupos a fim de facilitar o dia a dia. Essas categorias estão diretamente ligadas à economia e à política de uma população – grupos economicamente maiores ditam s regras, valores e costumes resultando na cultura de um lugar. Marx (1932) definiu, de maneira crítica, que a ideologia é um sistema de controle social. Através das ideias, valores passados por um grupo de poder, a sociedade funciona com uma falsa uniformidade. Enquanto a definição clássica define, somente, como instrumento de organização, Marx a define como instrumento de manipulação dos indivíduos e, por consequência, da massa. Para ele, a ideologia cria um mascaramento da verdade em prol de interesses econômicos e políticos de um pequeno grupo.

Segundo “Ideologia Alemã” de Karl Marx e Friedrich Engels (2019), a visão de mundo está intimamente relacionada à economia. Especialmente para Marx, todas as formas de trabalhos e organização social partiam de um

pressuposto econômico instaurado por grandes grupos reguladores. Com isso, todo e qualquer discurso, segundo ele, tem uma ideologia por trás de cunho econômico. Da mesma forma, acontece com a política, moral, religião, sociedade – instituições que usam do discurso intelectual para aplicar a essência material. Orlandi (2001), também compartilha a ideia da presença intrínseca de uma ideologia maior em tudo: não há sentidos nos discursos sem uma interpretação prévia, sempre existirá um sistema por trás dos discursos com regras e ideias invisíveis que orientam sujeitos e população.

A sociedade, portanto, criou uma ferramenta na tentativa de estabilizar o que foge da “ordem”, mas ela mesma segue uma falsa uniformidade. A ideologia é o processo de estabilização das ideias imutáveis sobre determinadas áreas. Ela existe para manter a ordem, eliminando a subjetividade de cada um e, quando aceitamos, as coisas como são, perdemos a liberdade individual. A ideologia está presente em todos os lugares como instrumento regulador, como na escola, igreja, família. Por exemplo, a palavra ‘mulher’ possui diversas ideias intrínsecas dentro de cada um que estabiliza esse conceito. Portanto, no senso comum, a mulher é uma figura feminina, sensível, emotiva, educada, futura esposa e futura mãe – ideias estabilizadas.

Existem algumas ideologias generalizadas e que não mudam na sociedade, de forma que qualquer pessoa que utiliza do conceito não consegue escapar da carga que o mesmo traz. Como o conceito de capitalismo, mesmo estando na Rússia, ou China, ou Coréia do Norte, qualquer pessoa entende que o conceito de capitalismo é o mesmo para o mundo inteiro: sistema econômico baseado na propriedade privada dos meios de produção, acumulação de capital, trabalho assalariado, sistema de preços e mercados competitivos. Ou seja, alguns conceitos possuem ideias imutáveis.

Segundo Orlandi (2001), o discurso é capaz de materializar uma ideologia e, por isso, a Análise do Discurso observa de forma profunda, não apenas o conteúdo, mas também o contexto que esse discurso está inserido. É por isso que a autora cita que os significados das coisas não são lineares, mas sim mutáveis e estão em constante movimento. Ela considera, ainda, o fato do discurso transformar-se no próprio processo de curso. E, apesar da constante

mutação do discurso, há uma constante que caracteriza a essência dos objetos analisados. Quando alguém fala “motorista”, embora existam vários tipos (de caminhão, particular, de táxi) a ideia principal é de uma pessoa que trabalha dirigindo um veículo com a finalidade de transporte de algo ou alguém.

Dessa forma, a ideologia produz um imaginário (antecipação) sobre algo ou alguém que direciona toda a linguagem e tratamento de um em relação ao outro. Essa antecipação é a forma que o emissor se vê, como ele vê o receptor e como ele acha que o receptor o vê. Da mesma forma, acontece o caminho inverso, o receptor possui um imaginário sobre o emissor, sobre ele mesmo e sobre o que o emissor imagina dele. Ou seja, existe um sujeito – de ambos os lados – pré-definido que é resultado de certas ideologias que carregamos ‘de fora’.

> Podemos começar por dizer que a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer. Partindo da afirmação de que a ideologia e o inconsciente são estruturas-funcionamentos, M. Pêcheux diz que sua característica comum é a de dissimular sua existência no interior de seu próprio funcionamento, produzindo um tecido de evidências “subjetivas”, entendendo-se “subjetivas” não como “que afeta o sujeito” mas, mais fortemente, como “nas quais se constitui o sujeito”. Daí a necessidade de uma teoria materialista do discurso – uma teoria não subjetivista da subjetividade – em que possa trabalhar esse efeito de evidência dos sujeitos e também a dos sentidos. (ORLANDI, 2001, p.46).

Posto isso, a ideologia que cada um carrega tem um papel fundamental nesse contexto. Isso por que é através do discurso e da linguagem que ela se manifesta, portanto, vem antes dele. “(...). A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social.” (ORLANDI, 2001, p.15). Essa mediação é a língua em funcionamento, através de símbolos socialmente criados e compartilhados que condicionam a forma que uma comunidade produz sentidos. Assim, é preciso primeiro interpretar o a ideologia por trás do discurso e, depois, o próprio discurso. “Consequentemente, o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos.” (ORLANDI, 2001, p. 17). Vale lembrar que a ideologia se personifica em quem a carrega e passa a ser tratada como se fosse uma condição inata ao sujeito.

> Em consequências, não se trata, como na Linguística, com a língua fechada nela mesma mas com o discurso, que é objeto sócio-histórico em que o linguístico intervém como pressuposto. Não se trabalha, por outro lado, com a história e a sociedade como se elas fossem independentes do fato de que elas significam. (ORLANDI, 2001, p.16).

A linguagem utilizada pelo sujeito não é capaz de produzir significações estáveis, mas sim errantes, ou seja, elas se movem. Por isso a autora da obra, Eni P. Orlandi, diz que a linguagem nada mais é do que a língua em curso. "(...) E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento." (ORLANDI, 2001, p. 15). A ideologia, dessa forma, se apropria dessas significações criadas pela linguagem, pois é na língua que a ideologia se materializa. A ideologia, portanto, se conecta ao materialismo, a psicanalítica e a linguagem. Já o sujeito - que usa essa linguagem - é resultado de uma construção externa (pré-conceito) e interna tendo como base o imaginário de terceiros e até dele mesmo. Por isso é preciso lidar com dois imaginários, no mínimo, já que há imaginário dos dois sujeitos.

Por este prisma, o sujeito se constitui pela ideologia e o mundo também e, portanto, o sujeito é livre e submisso simultaneamente. O discurso intermedia a relação do sujeito consigo e com o mundo e define quem (desses dois) consegue estabilizar e se apropriar da língua. Essa estabilização está no que é dito e que, consequentemente, não é dito.

> Como dissemos mais acima, a proposta é a da construção de um dispositivo da interpretação. Esse dispositivo tem como característica colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras.. (ORLANDI, 2001, p.59)

Dessa forma, o sentido que o sujeito recebe se aproxima do contexto histórico como uma produção simbólica. "Em outras palavras, na perspectiva discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história." (ORLANDI, 2001, p. 25). Assim sendo, quando uma pessoa diz que é um caminhoneiro, ela se apropria das características que, historicamente, esses profissionais receberam pela sociedade, estudos, matérias, reportagens, senso comum etc. Então o

imaginário, por sua vez, tem um papel importante na construção das significações já que ele produz sentidos de maneiras diferentes.

Essas significações produzem certas ‘regras’ invisíveis que devem ser seguidas. Por exemplo, se existe no interdiscurso – segundo Eni P. Orlandi é a memória discursiva, de onde os sentidos se constroem – a ideia que caminhoneiros são fortes e incansáveis no trabalho, o caminhoneiro que, por acaso, queira ter uma vida menos agitada e prefira descansar a cada viagem, não é um bom caminhoneiro.

Assim, através da repetição histórica (contextualiza o sujeito, o dizer e faz fluir o discurso, atravessando o imaginário) surgem certos pré-conceitos que ficam engessados por décadas, séculos e, na maioria das vezes, dizem pouco sobre a realidade de fato.

> O texto é a unidade que o analista tem diante de si e da qual ele parte. O que faz ele diante de um texto? Ele o remete imediatamente a um discurso que, por sua vez, se explicita nas suas regularidades pela sua referência a uma ou outra formação discursiva que, por sua vez, ganha sentido porque deriva de um jogo definido pela formação ideológica dominante naquela conjuntura. (ORLANDI, 2001, p. 63).

Foi dessa forma que se criou, ao longo de anos, um imaginário a partir de uma formação discursiva em relação aos veículos de imprensa tradicionais, como Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e El País. Essas formações, nada mais são do que grandes ‘campos’ de discurso com sub espectros dentro deles, por exemplo: o campo religioso possui pequenas divisões dentro dele como a religião católica, a protestante etc. Assim como o campo político possui, também, essas pequenas divisões como a esquerda, direita, centro etc. Esses pequenos e grandes campos se estabilizam, ou seja, permanecem no imaginário da população justamente por causa das repetições desses processos discursivos.

Então o fato de existir uma religião que está presente em todos os lugares (repetição) através de símbolos e costumes faz com que esse a Igreja e tudo que ela representa vire normal. Quando a pessoa começa a ver uma cruz, uma imagem de um santo em todos os lugares que vai, passa a ser normal. Assim como, em algum momento, essa pessoa vai começar a frequentar uma igreja pela repetição da família, amigos ou escola de que é um ambiente que deve ser frequentado e adorado. E partir do primeiro contato, a

própria igreja - através da bíblia, dos cultos, rezas, eventos, músicas, regras - começa a usar métodos para produzirem repetições que causam um significado em quem o recebe. Isso ocorre em vários outros campos discursivos, como na política, na família, na escola, dentro das profissões etc.

Os rituais de cada grupo reforçam a mensagem principal e, assim, estabiliza dentro de cada indivíduo o significado desejado. O processo de constituição discursiva se forma através de repetições e cada uma tem métodos, regras. Então por exemplo, se antes o que saia no jornal era totalmente verídico porque o jornal é um “local” de credibilidade e confiança, hoje a visão não é mais essa. Inclusive a visão é contrária à citada. Isso aconteceu porque a repetição sobre a mídia tradicional mudou. Agora a repetição é que a mídia é ruim e mentirosa e quem regula essa repetição, hoje em dia, são os algoritmos e não as apenas as pessoas. Logo, a capacidade dos algoritmos é bem superior à humana, além de ser invisível, ou seja, o algoritmo não tem rosto. As pessoas tem somente uma intuição sobre ele, não sabem como ele funciona exatamente. Somado à tudo isso, existe a questão que parece que ele vem do “nada”, do universo, se tornando próximo à algo de outra dimensão (Deus), ficando mais forte ainda no imaginário das pessoas e criando campos discursivos mais sólidos.

> Decorre daí a afirmação de que a paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo, e a polissemia é a fonte da linguagem uma vez que ela é a própria condição de existência dos discursos pois se os sentidos – e os sujeitos- não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer. A polissemia é justamente a simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico. (ORLANDI, 2001p. 38).

No entanto, esses campos não são lineares. Existe uma diluição desses sub espectros de um campo se misturando com o outro, como política e religião muitas vezes se misturam. As formações imaginárias, por sua vez, também não são recortadas, elas se misturam. Por exemplo, um imaginário sobre a religião católica vai parar no Facebook porque um pastor de uma igreja fez uma postagem sobre determinado assunto que, consequentemente, usou os ideais religiosos dele e da igreja que ele faz parte para opinar.

Da mesma forma, a memória que a população tem dos veículos deu origem ao interdiscurso sobre eles, ou seja, os indivíduos já possuem um imaginário sobre os jornais oficiais. Esse imaginário faz parte de um campo

discursivo que se mistura com outros campos discursivos que, ora conflitam entre si, ora se complementam. Esses encontros e desencontros, nos últimos anos, foram se intensificando, principalmente, em função da internet e das redes sociais – que começaram, assim como os veículos tradicionais, a informar.

Essa 'teia' de imaginários é compatível com a formação discursiva que cada um carrega dentro de si. Então uma pessoa possui um imaginário que aprendeu na igreja, outro que aprendeu na escola, outro que aprendeu com a família e, essa pessoa, se relaciona com outras que carregam outros imaginários também. Assim, muitos se conectam, mas grandes partes se distanciam dependendo da origem, ou ideologia, de cada um.

> A Análise de Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma "chave" de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. (ORLANDI, 2001, p. 26).

Assim acontecem com a mídia tradicional – veículos oficiais de comunicação – e a mídia alternativa – mídias digitais. Existe um imaginário sobre ambos os veículos, um que vem se moldando e mudando ao longo de anos (tradicional) e outro que há pouco tempo vem ocupando papel de protagonista (alternativo). O imaginário que as pessoas têm, tanto de um, quanto de outro, gera formas discursivas que resultam na preferência do público e, até mais profundamente, em padrão de consumo do mesmo. Dito de outra forma, o imaginário sobre um veículo midiático condiciona a forma que um determinado sujeito, filiado a uma determinada Formação Discursiva, consumirá a informação, se acreditará de forma crítica, automática, ou se não lhe dará credibilidade alguma.

A mídia tradicional, por exemplo, sempre ocupou um lugar de muito respeito ao longo da história. As pessoas apenas acreditavam em um fato se ele tivesse origem em um jornal impresso, ou uma revista respeitada e, mais tarde, em um canal de televisão consagrado. De acordo com uma matéria da Revista Exame de 2013, os brasileiros utilizavam mais a mídia tradicional do que a digital. Esse resultado foi obtido através de uma pesquisa realizada pela KPMG International intitulada ("Mídia tradicional ainda é mais popular que a digital", 2013) – Emergência do consumidor digital multitarefas. O brasileiro foi

quem teve o maior gasto com mídia tradicional, dentre os oito países estudados. Registrou cerca de quinze dólares mensais, em especial na compra de videogames e livros. Já o gasto com mídia digital, os brasileiros representaram o segundo lugar, atrás apenas da China, e com um valor bem menor do que nos meios tradicionais, de seis dólares mensais.

Outra pesquisa feita pelo Instituto Reuters para o estudo do jornalismo da Universidade de Oxford (Inglaterra), o Brasil estava em segundo lugar no índice de confiança do público nos meios de comunicação até 2017. Isso mostra que a maior parte do público que consome notícias confia na mídia tradicional por ela separar o que é fato do que é boato. O foco desse estudo é a justamente essa confiança do público em meio a era das fake news, que são distribuídas sem controle pelas redes sociais.

Esse imaginário, portanto, é resultado do surgimento e disseminação das *fake news*. As notícias falsas são produções e distribuições de informações mentirosas através, principalmente, das redes sociais como Facebook e Whatsapp. Essas notícias podem e, na maioria dos casos são, produzidas com informações falsas intencionalmente por alguém ou alguma empresa/grupo. Contudo, segundo uma matéria o site Rede Brasil Atual, especialistas relacionam as *fake news* com a perda de credibilidade da mídia tradicional e uma ausência de regulamentação. Ainda de acordo com essa matéria, uma jornalista defende que a imprensa tradicional perdeu credibilidade porque não é plural, alguns grupos econômicos controlam os meios de comunicação com interesses, exclusivamente, particulares.

Gradativamente, então, os meios oficiais, embora de imediato fossem de maior confiança do público, foi perdendo credibilidade em função da falta de diversidade e abordagens mais democráticas. Assim, com o tempo, as informações veiculadas por essa mídia seguiam mais uma linha editorial da empresa. Dessa forma, a realidade de um veículo oficial pode não ser a mesma realidade da população, então as ideologias são distintas em função das diferentes formas discursivas. E a evidência produzida por uma ideologia apaga (de certa forma) o que fez parte da outra história, da outra ideologia.

> Assim como, parafraseando a Psicanálise, se pode considerar que o inconsciente se estrutura como uma linguagem, na Análise de Discurso, consideramos que a ideologia se materializa na linguagem. Ela faz parte fo funcionamento da linguagem. É assim que a Análise de Discurso permite compreender a ideologia – e o seu

> funcionamento imaginário e materialmente articulado ao inconsciente – pelo fato mesmo de pensá-la fazendo intervir a noção de discurso. (ORLANDI, 2001, p. 96).

Esse esvaziamento da áurea em torno do jornalismo tradicional se reverteu em uma atual rejeição. As redes sociais, nesse contexto, ganharam força e se tornaram uma alternativa aos leitores que queriam se informar, mas não através da mídia tradicional. Baseado em um estudo da Hello (agência de pesquisa de mercado e inteligência), sete em cada dez brasileiros usam as redes sociais para se informar ("Pesquisa aponta: sete em cada dez brasileiros se informam pelas redes sociais", 2019). Além disso, os entrevistados utilizam essas redes para se comunicar em com parentes e amigos. A pesquisa aponta que uma das ferramentas mais importantes no cenário avaliado é o WhatsApp, 95% dos participantes usam essa rede social e o Facebook vem em segundo lugar, com 89%.

Estes dados mostram que o crescimento de pessoas que preferem se informar e se comunicar através das redes sociais permitiu organizações muitas bem preparadas através de grupos. Fica nítido, portanto, que houve não só uma mudança no imaginário discursivo, mas uma mudança para o lado oposto em relação à mídia tradicional. A partir de repetições de que os jornais como Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo eram mentirosos, tendenciosos e não tinham credibilidade, o imaginário discursivo de boa parte da sociedade mudou. Os algoritmos tiveram papel fundamental nesse processo, já que geram infinitas repetições sobre um determinado imaginário. A Greve dos Caminhoneiros é resultado do poder da Era Digital e dos algoritmos nesse contexto. Através de muitas repetições (compartilhamentos, curtidas, indicações) em grupos de Facebook, caminhoneiros de norte à sul do Brasil se organizaram e paralisaram o país em dez dias gerando reflexos na economia, na política e em toda sociedade brasileira.

3 FUNCIONAMENTO DISCURSIVOS DOS VEÍCULOS OFICIAIS E NÃO-OFICIAIS

Os funcionamentos discursos dos veículos oficiais e não oficiais se dão de maneiras (bem) distintas. Tomando como base que todo e qualquer imaginário implica em: como um primeiro alguém vê um segundo alguém, como o segundo vê o primeiro, como o primeiro imagina que o segundo o vê, como o segundo imagina que o primeiro o vê... E essa teia de imaginários não para. Todos esses imaginários, juntos e misturados condicionam a forma como os discursos funcionam.

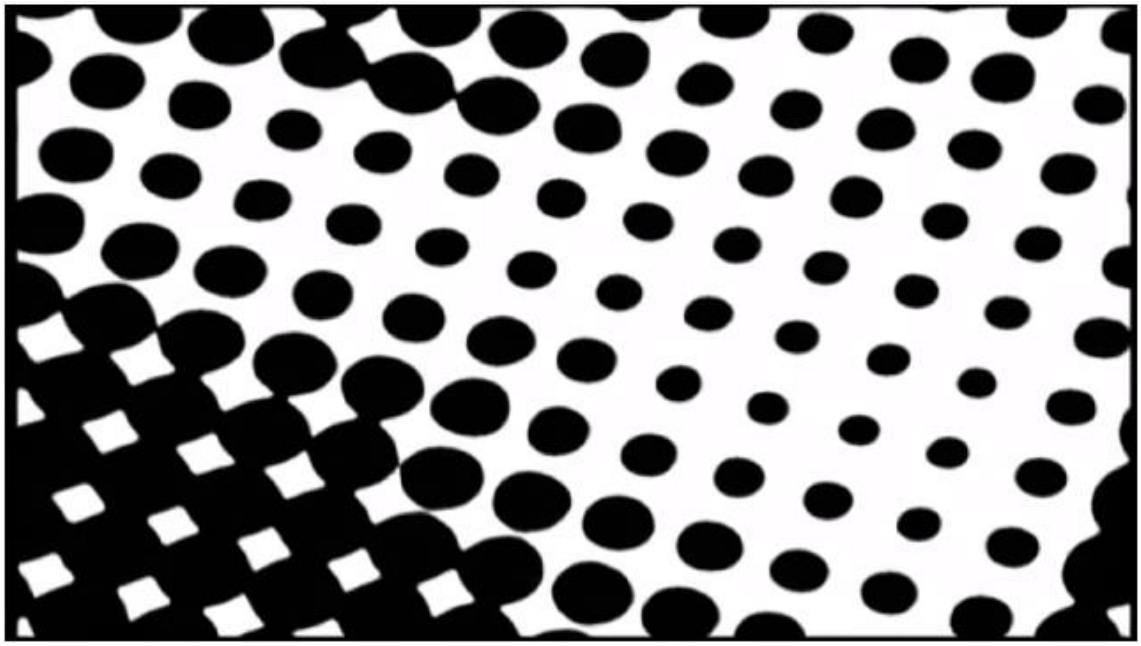
> Consequentemente, podemos dizer que o sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas "tiram" seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. (ORLANDI, 2001, p. 42 e 43).

Quando as pessoas imaginam que o jornalismo tradicional é um jornalismo sério, que verifica os fatos, que possui credibilidade, esse imaginário acaba incidindo no próprio jornalismo que faz de si mesmo um lugar de seriedade e isso condiciona sua prática discursiva para o mesmo caminho. Assim, na hora desse veículo de produzir sentido fazendo matérias e reportagens, esse imaginário pré-existente vai vir à tona, como em propagandas desse veículo, slogan, implicando em uma prática discursiva afetada por esse imaginário.

Um bom exemplo disso é uma famosa propaganda da Folha de São Paulo. A propaganda começa com uma imagem em alta resolução citando um indivíduo que fez coisas boas para o seu povo, trazendo números de PIB, de pessoas desempregas que passaram a serem empregadas, dentre outras características, para no fim, a imagem abrir por completo e aparecer uma foto de Hittler. A finalização da propaganda foi com uma ideia que, ao mesmo tempo em que questiona, fideliza o público-alvo da empresa.

> "É possível contar um monte de mentiras dizendo só a verdade. Por isso, é preciso tomar muito cuidado com a informação e o jornal que você recebe. Isso valeu para ontem, isso vai valer para amanhã. Folha: o jornal do futuro com a credibilidade de sempre." (Produtora Abafilmes, 2011).

FIGURA 8 – alta resolução da imagem de Hitler



Fonte: Produtora Abafilmes (2011)

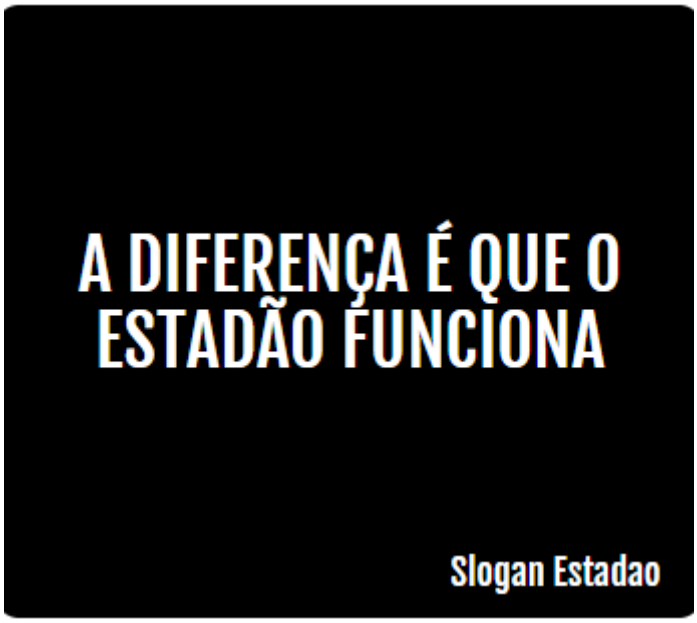
FIGURA 9 – imagem de Hitler completa

Fonte: Produtora Abafilmes (2011)

Outro bom exemplo disso é o slogan do jornal O Estado de São Paulo que diz “A diferença é que o Estadão funciona”. Perceba que, ao dizer que o Estadão tem um diferencial e esse diferencial é que ele funciona, ou seja, ele é

verídico, real, traz fatos (por se tratar de um jornal), automaticamente cria-se um imaginário que os outros veículos não funcionam, não trazem a verdade como ele traz. Essa formação discursiva traz imaginário de superioridade do Estadão em relação aos outros jornais e, o objetivo da propagando é trazer esse mesmo imaginário para o popular. Assim, se as pessoas concordarem com a ideia, vão passar a consumir apenas as informação do Estado de São Paulo, já que ele é o único (ou um dos únicos) que funciona.

FIGURA 10 – slogan do jornal O Estado de São Paulo



Fonte: Quem disse (sem data)

Mais um exemplo para mostrar que essa teia de imaginários, de fato, existe e os veículos oficiais usam dela para criar discursos a favor deles e que reafirmam o que o senso comum diz. A campanha diz que se ninguém paga caro por mentir – fazendo referência às *fake news* que ainda não possuem uma consequência séria – não faz sentido “você” (leitor da Folha) pagar caro pela verdade. Ou seja, está promovendo o valor da assinatura do veículo deixando subentendido que este valor é barato e ainda é por um produto importante e de credibilidade: a verdade.

FIGURA 11 – campanha da Folha para conseguir mais assinantes

Fonte: Quase Publicitários (30/08/2010)

Dessa forma, as mídias tradicionais condicionam a própria maneira de produzir conteúdos jornalísticos. Se o jornal se diz sério, ele precisa praticar isso para que esse imaginário persista. Então é necessário manter as mesmas práticas discursivas de credibilidade para isso continuar funcionando.

> As palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delineia na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória. (ORLANDI, 2001, p. 43)

Essas práticas podem acontecer através das “metáforas” que Orlandi cita como fundamentais para aplicação da teoria estudada. “Chegamos então à noção de metáfora que imprescindível na análise de discurso.” (ORLANDI, 2001, p. 44). As metáforas, segundo a autora, dão sentido a tudo, pois as palavras, por si só, não possuem sentido algum.

> Em princípio não há sentido sem metáfora. As palavras não têm, nessa perspectiva, um sentido próprio, preso a sua literalidade. Segundo Pêcheux (1975), o sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou proposição; e é por esse relacionamento, essa

> superposição, essa transferência (metaphora), que elementos significantes passam a se confrontar, de modo que se revestem de um sentido. Ainda segundo este autor, o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, formação de sinônimos) das quais uma formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório. (ORLANDI, 2001, p.44)

Com isso, a prática jornalística dentro desses jornais é condicionada a condutas de verificação, fontes confiáveis, mostrar todos os lados de uma história, ser transparente etc. Mas sabemos que mesmo com essa prática de verificação séria, o imaginário popular acabou se modificando em relação a essas mídias.

E sobre o imaginário em torno das mídias alternativas? Ele também condiciona a prática de produção de conteúdo. Mas no caso das redes sociais, como são mídias que ainda estão em construção de identidade, não possuem uma forma segura e sólida como a mídia tradicional. Com isso, as pessoas falam a respeito desse veículo não oficial com opiniões frágeis, muitas vezes até contraditórias, pouco seguras, justamente por estarem em formação.

A grande questão que permeia esse tipo de veículo é a veracidade e qualidade dos conteúdos veiculados. Isso por que, como a mídia alternativa não possui um imaginário sólido, isso dá a ela certa liberdade para produzir uma prática discursiva menos calcada na verificação, com fontes menos seguras, dados de lugares não conhecidos – e até instituições que não existem, por exemplo. Assim, a prática discursiva das redes sociais torna-se menos regulada, até mesmo em relação às leis. Para punir uma informação falsa veiculada em alguma rede social é muito mais difícil que em um jornal, o qual possui CNPJ (Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica - um número único que identifica uma pessoa jurídica e outros tipos de arranjo jurídico sem personalidade jurídica junto à Receita Federal brasileira) e responde por uma empresa nos meios jurídicos.

Desse modo, tudo que permeia os veículos não oficiais ainda é muito impreciso e, consequentemente, isso condiciona a prática discursiva desses portais. Por exemplo, em 2018 o então candidato à Presidência da República, Jair Bolsonaro, reforçou uma fake news já existente nas redes sociais durante uma entrevista ao Jornal Nacional. Ele mostrou o livro “Aparelho Sexual e Cia”

afirmando que esse faria parte de um “kit gay” distribuídos nas escolas durante os governos em que o PT comandou. O livro nunca foi distribuído nas escolas e o “kit gay” não existia.

FIGURA 12 – Bolsonaro durante entrevista ao Jornal Nacional em 2018

Fonte: Brasil de Fato (01/04/2019)

Esse fato mostra como as práticas discursivas no meio digital são imprecisas e possuem pouca (ou nenhuma) checagem. Quando esses discursos frágeis ocorrem, é possível perceber que a preocupação com a qualidade das informações não é um item prioritário como é nos meios tradicionais. Consequentemente, os imaginários criados a partir das redes sociais são perigosos porque, mesmo com casos de fake news, as informações via web ainda são enaltecidas e propagadas por um grande número de pessoas.

3.1 ANÁLISE SOBRE O IMAGINÁRIO DA INFORMAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Para refletir e analisar a questão dos dois imaginários foram feitas seis entrevistas diretas qualitativas, com seis diferentes pessoas, todas elas são caminhoneiros (as) e a faixa etária é, em média, de 50 anos de todos (as).

Essas entrevistas foram interrompidas depois da sexta pessoa por saturação – respostas começaram a se repetir.

Os contatos foram feitos através de algumas pessoas que indicaram caminhoneiros do estados de São Paulo. Todas as entrevistas foram feitas via WhatsApp da seguinte forma: a pesquisadora enviou cinco perguntas para cada caminhoneiro (a) e, cada um, tinha a liberdade de responder por mensagem de áudio (que foi a maioria) ou escrita. Já as autorizações foram entregues pessoalmente na casa dos entrevistas, ou por e-mail e, posteriormente, eles mandavam fotos dos documentos assinados.

O principal objetivo dessas entrevistas é analisar, em primeiro lugar, que nos últimos 20 anos o imaginário em relação aos veículos tradicionais se modificou mesmo com as estratégias de marketing utilizadas como visto anteriormente. A ideia de que veículos como Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo são confiáveis e produzem conteúdo de qualidade pautado na verificação e na imparcialidade mudou (e muito) com o tempo. Se antes, as propagandas usadas para promover os jornais faziam sentido e traduziam o pensamento popular, hoje elas estão fora de contexto já que a maioria das pessoas não concorda com a ideia de que as mídias oficiais são de confiança e de qualidade.

Em segundo lugar, o objetivo é mostrar que as redes sociais, nesse contexto, ganhou espaço e possui um imaginário favorável para a maioria das pessoas. Com a chegada delas, a sociedade ganhou uma plataforma gratuita e mais democrática, segundo eles, para se informar. Na verdade, as pessoas foram descobrindo essa função há pouco mais de dez anos porque, antes, as redes sociais serviam apenas para entretenimento e distração, como o Orkut, Msn, Tumblr – nessas plataformas não circulavam notícias informativas, nem links de acesso e não existia contas nessas redes exclusivamente para informação. Com a chegada do Facebook, WhasApp, Twitter, Instagram, as informações começaram a circular através de links e posts, assim como, perfis começaram a surgir para informar através dessas redes. Os veículos formais como Folha e Estadão, então, começaram também a criar perfis nessas redes para também terem maior alcance e para a população se informar através

deles e não de perfis aleatórios. Mas o alcance das redes e de perfis aleatórios já era muito grande e incontrolável – considerando, ainda, o poder dos algoritmos em criar novos conteúdos de maneira tão acelerada que é desconhecida pela capacidade humana.

As pessoas que consumiam os conteúdos dessas redes, por sua vez, começaram a perceber diferenças entre os conteúdos dos veículos formais em relação aos informais, mais precisamente uma diferença no tempo de postagem de notícias sobre um determinado assunto. Enquanto as redes sociais postavam quase que de maneira instantânea o que estava acontecendo, as mídias tradicionais demoravam horas, até dias ou, na pior das hipóteses dependendo do tipo de conteúdo que se tratava, nem publicavam. Portanto, gradativamente, a sociedade foi desconstruindo o imaginário de confiança, credibilidade, checagem e imparcialidade que tinha dos portais oficiais. Com o tempo, essa confiança foi sendo depositada nas redes sociais que foi ganhando espaço e cresceu.

Essa confiança pode estar principalmente, associada à velocidade que as mídias digitais possuem. Porém, esse não é o único motivo. Talvez, justamente, o fato das redes terem uma menor verificação seja o motivo do crescimento dela. Isso porque a formalidade do jornalismo tradicional se tornou (para as pessoas) algo vendido, artificial, com pretensões financeiras e políticas. Com isso, a credibilidade das informações passou a ser responsabilidade das grandes massas. E a população passou a produzir suas próprias verdades com o pensamento de que são fontes importantes de informação.

Dessa forma, tanto a velocidade quanto a verificação contribuíram para a mudança do antigo imaginário em relação aos veículos tradicionais. As entrevistas feitas, inclusive, mostram que grande parte dessa mudança foi ocasionada pela politização exacerbada do jornalismo da rede Globo, Folha S. Paulo e Estadão. As redes, portanto, deram um espaço que antes não existia para a sociedade se posicionar, cobrar, reclamar. Com isso, as pessoas criaram um lugar (mídias tradicionais) com suas próprias regras e, gradativamente, a credibilidade do jornalismo tradicional foi se esvaziando.

Para essa análise ficar mais clara é preciso analisar as perguntas que foram feitas aos entrevistados, assim como as respostas dos mesmos. Os entrevistados serão tratados como A, B, C, D, E e F para preservar a identidade de cada um deles e, também, facilitar o entendimento das respostas.

A primeira pergunta feita foi “Como você via, nos anos 80 e 90, o jornalismo tradicional? Como Globo, Folha S. Paulo, Estadão? Naquela época você confiava no jornalismo?”. Os seis entrevistados deram a mesma resposta dizendo que confiavam muito no jornalismo daquela época já que era um jornalismo sério e também porque aquela era a única maneira de se informar. Entrevistado C: “Sim, confiava e muito. Sempre ficava bem informado nesse período, dos anos 80 e 90, a política brasileira não era tão corrupta igual é de hoje.”

Entrevistado B: “Naquela época todo mundo confiava no jornal né, era uma coisa séria. A gente via as notícias, não tinha na verdade outra coisa sem ser os jornais, a televisão como meio de comunicação, depois que algumas pessoas começaram a ter telefone fixo né, mas antes disso era único meio de comunicação para saber o que estava acontecendo no mundo né. As vezes naquelas época tinha alguma falha, mas a gente tinha que confiar né. Então para mim, o jornalismo daquela época era sério.”

Entrevistado F: “Eu sou nascido em meados da década de 70 e fui criado na maior parte da minha infância na fazenda, nesta época os único meios de comunicação acessível seria TV e rádio , e confiávamos sim nas informações fornecidas pelos jornalistas. Víamos os jornalistas como pessoas informadas e de caráter, e naquela época tal nível de estudo e informações eram para poucos, existia até uma certa admiração .”

Entrevistado D: “Nos anos 80 e 90 o jornalismo era mais sério, pessoas mais sérias que comandavam esse meio de comunicação que é o jornalismo. Mas já era meio fraco. Confiava uns oitenta por cento, mais ou menos.”

Com a segunda pergunta, deu para entender que, apesar das redes sociais publicarem muitas notícias duvidosas, ainda sim os caminhoneiros

consomem e acompanham elas. Outros, por sua vez, falaram que não confiam integralmente nelas justamente por circularem muitas informações falsas. “Você confia na informação que circula nas redes sociais? Qual o nível de confiança que você tem nas redes?”

Entrevistado B: “Confio sim, na internet, nas redes sociais no caso. Tem coisas que não dá pra acreditar né, mas na maioria das vezes eu acredito que noventa por cento são verdadeiras. E até mesmo porque a gente pergunta pra um, pra outro, através de grupos também né, ai você acaba vendo que e realidade, realmente aconteceu mesmo. As vezes um posta uma coisa, uma foto errada, outro vem e corrige e fala ‘não eu tava lá e aconteceu isso’. Então eu acho que noticias das redes sociais, eu confio uns noventa por cento hoje.”

Entrevistado F: “Muitas informações recebidas nas redes sociais são falsas e sem caráter investigativo, promovendo muita baderna, porém recebemos algumas informações verdadeiras, e vejo que temos que ter um critério afiado para digerir as informações , e com relação ao nível de confiança hoje, confio mais nas redes sociais do que no jornalismo tradicional.”

Entrevistado A “Tem muita informação na internet né, então às vezes a gente fica meio perdido no que é verdade e no que é falso né. Então eu não sei como é ter a garantia às vezes de algumas publicações e informações.” Enquanto os entrevistados C, D e F, por exemplo, disseram que o conteúdo das redes é duvidoso.

Entrevistado D: “Hoje eu confio nas redes sociais, desconfiando. Nem tudo que se lê, que se vê nas redes sociais é verdade, infelizmente, por falta de profissionais qualificados. Não se confia muito nas redes sociais. Hoje pra confiar nas redes sociais, ah, são poucas. No portal do G1, por exemplo, eu confio cinquenta por cento, não confio mais do que isso não.”

Entrevistado C: “Hoje em dia é muito compricado por causa das falcatruas muito badaladas, pouca confiança e incerteza por certas redes sociais, isso sim.” Entrevistado E: **“**Deixa a gente muito confuso, muitas informações falsas, não sabemos a veracidade dos fatos.”

Já a terceira pergunta serviu para comparar o nível de credibilidade dos dois veículos (formais e informais). “Em quais dos dois veículos (jornalismo ou redes sociais) você mais confia hoje?” e a maioria deles respondeu que confiam mais nas redes.

Entrevistado B: “Ah hoje, eu vou te falar a realidade, eu acredito mais nas redes sociais do que no jornalismo, principalmente se for a Globo né, Deus me perdoe. Ai quem tem a oportunidade de ter uma TV a cabo, vai em outros canais né, tipo um Record News, Band News. As vezes fora do Brasil também né, quando for comparar vai ver o que é realidade e o que não é. Mas eu, sinceramente, confio mais na rede social do que no jornalismo. O problema é que a gente ainda não tem uma ferramenta para identificar o que é fake ou não né, mas o dia que alguém inventar um aplicativo desse aí, vai se tornar cem por cento.”

Entrevistado A: “Eu confio mais nas redes sociais do que na televisão. A televisão eu parei de assistir.” Entrevistado F: “Como foi dito na resposta anterior, confio mais nas redes sociais.”

Apenas dois entrevistados disseram confiar mais no jornalismo. Entrevistado E “Confio mais no jornalismo.” Entrevistado C “Na televisão com certeza tem mais credibilidade, as informações exibidas nos telejornais do que nas redes sociais.”

A quarta pergunta serviu como um esclarecimento da primeira pergunta e as respostas foram unanimes. “Em sua opinião, o que aconteceu para que o jornalismo tradicional perdesse sua credibilidade?”

Entrevistado B “Essa é a resposta mais fácil de todas porque essa aí nós vivemos na pele, né. Na verdade eu acho que foi onde, o Brasil em si acordou para realidade do jornalismo hoje no Brasil, não posso falar do mundo porque a gente não sabe como é o jornalismo lá fora. A gente que trabalha na estrada, eu posso dizer que eu vivi... Eu tava em Salvador, minha família tinha primo, sobrinho, tia ligando e perguntando ‘ou tá acontecendo isso?’ e eu ‘não, não tá acontecendo nada não, to aqui perto, vou filmar para vocês verem’. Aí eles falaram ‘liga lá na globo’, ai foi quando nós nos mobilizamos né começamos a

filmar e mostrar que não tava acontecendo nada. Saia uma notícia na Globo e a gente já logo filmava e postava pra mostrar que não era verdade. Então assim a gente descobriu a mentira que era o jornalismo. A verdade é que eles querem só dinheiro, dinheiro, dinheiro. Eu não confio mais, infelizmente, é triste isso, uma coisa que era para falar a verdade né, divulgar fatos reais. Doa a quem doer, seja rico, pobre, milionário, errou? O jornalismo ficou sabendo? Publicou. Era assim que era antigamente."

Entrevistado E "Creio que nos últimos anos virou uma questão política por isso a perda de credibilidade." Entrevistado C "É o seguinte, muita politicagem envolvendo o jornalismo e isso nos deixa desconfiados de certos telejornais."

Entrevistado F "Essa pergunta até parece que sabia as respostas anteriores (risos), acredito que foi muito por conta dos meios de comunicação tradicionais terem sidos utilizados com interesses ocultos e maliciosos, com muito pouca imparcialidade e quase nunca com compromisso para com verdade."

Entrevistada A "Com essa história do jornalismo, principalmente a Globo, por causa de política, querer passar informações falsas né. E também como circula muita coisa pela internet e redes sociais então acho que perdeu bastante a credibilidade."

Para finalizar, a quinta pergunta procurou relacionar a discussão com o tema central deste projeto "Qual foi a importância das redes sociais para a organização da Greve dos Caminhoneiros em 2018?"

Entrevistado A "As redes sociais, no caso, uniram bastante os caminhoneiros. As informações circulavam a todo instante e o pessoal já ia vendo o que estava acontecendo, para todos os cantos né , então eu acho que ajudou muito, muito mesmo." Entrevistado E "Importante, o contato foi total pela rede social."

Entrevistado B "As redes sociais foram boas, ótimas na verdade, porque antigamente ninguém se organizava, falava por telefone e virava aquela bagunça, como já aconteceu em outras greves né. Parava e pegava o pessoal

de surpresa, então dessa vez não pegou ninguém de surpresa. Todo mundo estava ciente que a greve ia acontecer só que ninguém acreditava, e falava ‘ah vai ser igual das outras vezes’, é que essa não é a primeira greve que teve. Eu já participei de outras, mas essa foi a mais organizada que eu já vi. Então acho que a rede social foi muito bem aceita nesse momento, foi maravilhosa. Se não fosse as redes sociais a gente tinha ficado a mercê mais uma vez, como diz meu pai ‘tinha ficado às cegas, pego o trem de surpresa’.”

Entrevistado F “De 0 a 10, foi 10, pois sem as redes sociais nunca teriam conseguido tal organização, mais especificamente o ‘zap’, por ser um meio de comunicação acessível e rápido, e como participamos de grupos de transportadores, e na maioria das vezes sabemos com quem estamos comunicando e em tempo real, sem manipulação ou interesses ocultos .Nas outras vezes que tentaram uma movimentação deste tipo, nunca tiveram sucesso, porém em 2018 esse pequeno detalhe mudou tudo, isso só para entendermos a força desses instrumentos.”

Entrevistado C “Se nós caminhoneiros não tivéssemos o apoio do sindicato e das redes, certamente a televisão não ia nos apoiar em nada. Graças a deus nós fizemos o máximo que podíamos para a nação brasileira. Com certeza sem os caminhoneiros o Brasil não vai para frente.”

Após as entrevistas, ficou nítido que a discussão proposta no terceiro capítulo “Funcionamento Discursivos dos veículos oficiais e não-oficiais” se comprova. O antigo imaginário que os veículos tradicionais instalaram em relação a eles mesmos – de credibilidade, veracidade e imparcialidade – funcionou durante longos anos, especialmente na década de 80 e 90 quando a única maneira de se informar era através desses veículos, como um dos caminhoneiros citou “... Nesta época os único meios de comunicação acessível seria TV e rádio , e confiávamos sim nas informações fornecidas pelos jornalistas. Víamos os jornalistas como pessoas informadas e de caráter, e naquela época tal nível de estudo e informações eram para poucos, existia até uma certa admiração.”

Entretanto, esse imaginário foi se modificando ao longo dos últimos 20 anos não só por causa da chegada das mídias digitais, como vimos, mas

também, segundo os caminhoneiros entrevistados, por causa da abordagem política mais ácida e, nitidamente, parcial por parte de alguns veículos. Essa mistura entre jornalismo e política, na verdade, sempre existiu, mas nos últimos anos isso se tornou mais evidente em função, principalmente, da polarização política nacional e internacional. “Creio que nos últimos anos virou uma questão política por isso a perda de credibilidade.”

Paralelamente à mudança desse imaginário, as redes sociais começaram a avançar de forma acelerada e passaram a informar os usuários delas. As pessoas, então, começaram a enxergar nelas uma alternativa para se informar, mesmo que em alguns casos essa informação não seja totalmente verídica. “... Mas eu, sinceramente, confio mais na rede social do que no jornalismo. O problema é que a gente ainda não tem uma ferramenta para identificar o que é fake ou não né, mas o dia que alguém inventar um aplicativo desse aí, vai se tornar cem por cento.”

Aliás, as redes sociais serviram também como ferramenta de verificação para alguns caminhoneiros. Quando eles identificavam alguma informação duvidosa que circulava nos jornais, eles mandavam mensagens para colegas que estavam no local e pediam fotos e vídeos de lá. Como o imaginário em relação aos veículos oficiais já está contaminado, essas solicitações servem como prova para as pessoas. “... Saia uma notícia na Globo e a gente já logo filmava e postava pra mostrar que não era verdade. Então assim a gente descobriu a mentira que era o jornalismo. A verdade é que eles querem só dinheiro, dinheiro, dinheiro.”

4 A GREVE NOS VEÍCULOS OFICIAIS e NÃO-OFICIAIS

Depois de todas as análises e evidências colhidas até o momento, fica nítido que a Greve dos Caminhoneiros aconteceu de formas diferentes em cada veículo. Em função da carga ideológica, assim como as formações discursivas e imaginárias que cada meio de comunicação possui, os fatos são contados e interpretados de maneiras distintas para a população.

Dentro do universo dos caminhoneiros, como um grupo de trabalhadores, havia uma formação discursiva que tinha necessidades e demandas específicas daquele próprio grupo (como foi provado no capítulo anterior). Há muito tempo esses caminhoneiros tentam mostrar a situação precária em que vivem, os impasses que a vida na estrada traz e insatisfação em relação a preços, estrutura das rodovias, pedágios etc. Muito provavelmente, essa classe trabalhadora não conseguiu ser ouvida pelos meios convencionais de jornalismo. Então surgiu a possibilidade das mídias digitais como uma alternativa para explanar toda essa frustração.

Assim, a informação não é mais produzida por um jornalista que possui um olhar de fora, narra o fato de forma isenta e imparcial. Essa produção de discursos e conteúdos nas redes começa a serem produzidos pelo próprio objeto de análise. Ou seja, no contexto da Greve dos Caminhoneiros, o caminhoneiro criou a demanda da greve, e ele mesmo que produziu as informações sobre ela. Nesse sentido, então, o caminhoneiros é o OBJETO da notícia, mas também é o PRODUTOR dela e essas duas coisas se diluem, se misturam totalmente.

A Greve, portanto, teve a cobertura informal pauta nas formações discursivas de caminhoneiros de todo Brasil, com o imaginário deles em relação à Greve, mas também ao próprio jornalismo tradicional. O imaginário que circulava através das mídias era que a informação estava sendo passada de “caminhoneiro para caminhoneiro”, sem distorções e sem interesses por traz da cobertura. As informações não são mais distantes e frias, trata-se de outro tipo de linguagem, outro tipo de informação que é produzida. Essa nova linguagem é baseada no que o autor – no caso o caminhoneiro – vivencia, na bagagem cultural dele, nas ideologias que ele carrega que refletem no discurso

que ele produz (formações discursivas), assim como no imaginário que ele possui sobre determinado assunto.

Levando em consideração, então, a Analise de Discurso de Eni P. Orlandi, o discurso usado na cobertura da Greve dos Caminhoneiros é pautado no conjunto de ideologia (Marxismo), imaginário (Psicanálise) e formação discursiva (Linguística). Esses três aspectos se misturam e se completam, já que o sujeito (caminhoneiro) é afetado por ideologias de fora e afeta (outros) com a ideologia que carrega. O mesmo acontece em relação ao imaginário e à formação discursiva.

> Não é vigente, na Análise de Discurso, a noção psicológica de sujeito empiricamente coincidente consigo mesmo. Atravessado pela linguagem e pela história, sob o modo do imaginário, o sujeito só tem acesso a parte do que diz. Ele é materialmente dividido desde sua constituição: ele é sujeito de e é sujeito à. Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história ele não se constitui, ele não fala, não produz sentido. (ORLANDI, 2001, p. 48 e 49).

Enquanto o jornalismo convencional continuou usando uma linguagem mais distante e, para o caminhoneiro pode ser até rebuscada, com textos mais longos; a produção de conteúdo pelas redes sociais (produzida por eles e para eles) é mais emotiva – muitas vezes não verificada –, mas é mais curta, mais interessante para o grupo deles, tem um tipo de escrita mais simples (até com erros de português) com imagens instantâneas, menos produzidas. Então o que estava distante vem para perto com a linguagem “do povo”. Isso muda o imaginário não só deles (caminhoneiros) como também da sociedade como um todo.

Em um grupo no Facebook chamado “Greve dos Caminhoneiros” com mais de 1.500 participantes, foram publicados vários chamativos convocando as pessoas, especialmente os caminhoneiros, para a Greve de 2018. Com imagens e mensagens de apoio, os caminhoneiros mostravam a situação do evento a partir da ótica deles, usando um discurso específico.

FIGURA 13 – publicação na página “Greve dos Caminhoneiros” no Facebook

Fonte: Facebook (25/05/2018)

FIGURA 14 – caminhoneiros convocando pessoas a irem para as ruas

Fonte: Facebook (24/05/2018)

Em um vídeo publicado neste grupo do Facebook, uma mulher (cuja a identidade não foi revelada) estava participando da Greve e entre vários caminhoneiros e policiais ela diz "Pelos caminhoneiros, agora vai virar um ato popular e a constituição federal fala o seguinte que todo poder emana do povo e é repassado aos nossos governantes. O poder é nosso, não é do Temer, não do Aécio, não é do Pimentel, a nossa constituição fala. Nós temos o poder. Eles são obrigados a fazer o que nós cidadãos queremos e se nos queremos a extinção do pedágio, redução do imposto sobre a gasolina, redução de imposto sobre o óleo diesel, sobre o que nos quisermos a obrigação é deles. Se for usada a força, a OAB vai agir [...] Aqui não vai ser usado força porque isso aqui é um ato popular." – se referindo ao dia 25 de maio que o ex-presidente Michel Temer acionou as Forças Armadas (exército) dando total poder para conter a greve. Ela concluiu e, ao final, foi ovacionada com o apoio dos caminhoneiros. "Eu sou cidadã, não sou caminhoneira, sou advogada e motociclista, e eu quero a mesma coisa que os caminhoneiros querem. Então não existe mais greve Temer, é uma manifestação popular, da população do cidadão trabalhador que sustenta esse país."

Em outro vídeo, também durante a greve, um homem (cujo a identidade também não foi revelada) desmentiu uma matéria, segundo ele, da Rede Globo a qual dizia que os caminhoneiros estavam bloqueando serviços essenciais, como por exemplo o transporte de oxigênio até os hospitais. No vídeo ele explica que é motorista de um caminhão que transporta oxigênio para a Santa Casa de Leme (SP) e que não foi bloqueado de passar em nenhum momento.

“[...] Estou trabalhando normalmente desde segunda feira, passei aqui já umas quatro vezes na [Rodovia] Raposo Tavares e todas as vezes que passei apresentei a nota fiscal do oxigênio e o pessoal liberou. Força pelo movimento, ta lindo, o que esta acontecendo esta valendo a pena, um abraço. Não acreditem na rede globo de televisão, é mentira pura. Abraço gente. Falta pouco para aquele temer renunciar.”

Ficou nítido que os caminhoneiros e a população como um todo viram nas redes sociais, como grupos no Facebook e WhatsApp, a oportunidade de além de se informar, se manifestar, ter voz juntamente com a informação. Nesses grupos, as pessoas se informavam, se manifestavam e se organizavam para manifestações, atos virtuais etc. Logo, a respostas dos caminhoneiros entrevistados no subcapítulo 3.1 se comprova com as publicações desses grupos.

Já as coberturas formais, como os jornais El País, Estadão e Folha, mostraram a greve através de uma ótica mista – analisando a questão social, econômica e da classe caminhoneira como um todo. Em alguns momentos houve uma cobertura mais crítica, principalmente, quando começou a faltar produtos básicos em supermercados e farmácias e também quando as atividades do País foram suspensas (como aulas e trabalho) em função da falta de combustível.

No momento da greve muitos veículos já estavam sendo atacados há algum tempo, mas com a Greve essa insatisfação aumento. Isso pode estar associado ao poder que os caminhoneiros ganharam com ela e também por verem que, com o celular e as redes sociais, não precisavam mais dos veículos de comunicação tradicionais para ganharem voz. Somado a isso, ao mesmo tempo em que a greve acontecia, os veículos iam publicando matérias, reportagens da cobertura e os caminhoneiros ficavam insatisfeitos ou com a forma que a matéria abordava ou com algum trecho que eles achavam mentiroso e, com as redes, tratavam de mostrar isso – como citado anteriormente no grupo do Facebook que um motorista de caminhão de oxigênio desmentiu uma matéria falando que o oxigênio não estava chegando aos hospitais em função das rodovias bloqueadas.

FIGURA 15 – cobertura jornalista durante a Greve

EL PAÍS ECONOMIA

Você ainda pode ler 9 textos gratuitos este mês ASSINE POR US$ 1

CRISE DOS COMBUSTÍVEIS NO BRASIL >

Greve dos caminhoneiros: como se formou o nó que levou à paralisação

Protestos põem em questão política de preços da Petrobras e modelo de exploração do petróleo. Limitações logísticas do transporte no Brasil também ajudam a entender a crise dos combustíveis

Motoristas formam fila para abastecer em Brasília. EVARISTO SA (AFP) | EPV

Fonte: El País (25/05/2018)

Esta matéria do jornal El País foi colocada apenas com o título e subtítulo para mostrar a abordagem inicial desse veículo em relação à Greve. Já a próxima imagem, trata-se de uma matéria do jornal O Estado de S. Paulo que relata o primeiro dia da Greve explanando as motivações, de acordo com a visão do jornal. A matéria cita os caminhoneiros, mas não deixa claro se algum deles foi entrevistado. Isso de imediato mostra uma diferença grande entre os veículos informais e formais: a questão da “lugar de fala”.

Ou seja, através das redes sociais os caminhoneiros possuem lugar de fala, falam do espaço que eles mesmos ocupam – e quem melhor que eles para falar da Greve, certo? Os veículos oficiais, nesse contexto, não possuem

esta mesma perspectiva e propriedade sobre o assunto, a não ser que entrevistem caminhoneiros para mostrar como é o olhar de “dentro” da Greve.

FIGURA 16 – Greve segundo o portal O Estado de S. Paulo

Greve dos caminhoneiros: entenda o movimento que parou o Brasil

Entenda o que esteve em jogo na paralisação que caminhoneiros realizaram pelo Brasil, causando uma crise de abastecimento

O Estado de S.Paulo
22 de maio de 2018 | 20h58
Atualizado 16 de julho de 2018 | 16h11

Quando anunciaram uma paralisação para o dia 21 de maio, pouca gente acreditaria que somente dez dias depois os caminhoneiros começariam a desmobilizar um evento que pararia o País. A greve causou uma crise sem precedentes no abastecimento do Brasil, levando o governo a criar, às pressas, um pacotão de medidas para a categoria. Abaixo, relembre a a cronologia dessa greve e entenda os motivos da manifestação.

Principal reivindicação dos caminhoneiros era redução na tributação sobre o óleo diesel Foto: AFP PHOTO / DOUGLAS MAGNO

O que motivou a greve?

Desde que a Petrobrás iniciou sua nova política de preços para os combustíveis, em 3 de julho do ano passado, até o primeiro dia da greve dos caminhoneiros, **o óleo diesel teve alta de 56,5% na refinaria, segundo cálculos do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE)**. O valor passou de R$ 1,5006 para R$ 2,3488 (sem contar os impostos). O aumento acompanhou a cotação do petróleo no mercado internacional, exatamente a intenção da estatal. Mas, para os caminhoneiros, essa elevação dos preços encareceu os custos da atividade. Na segunda-feira, dia 21 de maio, eles iniciaram protestos que paralisaram rodovias no País, culminando com o desabastecimento de produtos e de combustível nas cidades.

O que os caminhoneiros reivindicavam?

A principal reivindicação dos caminhoneiros era a redução da carga tributária sobre o diesel. Os motoristas pediram a zeragem da alíquota de PIS/Pasep e Cofins e a isenção da Cide (Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico). Os impostos representavam quase a metade do valor do combustível na refinaria. Segundo eles, a carga tributária menor daria fôlego ao setor, já que o diesel representa 42% do custo do frete.

Quais foram as reivindicações atendidas pelo governo?

O governo anunciou uma redução de R$ 0,46 no preço do óleo diesel, provenientes da zeragem da Cide sobre o combustível e de uma diminuição da alíquota de PIS/Cofins. Além disso, se comprometeu a publicar uma tabela que regulamentava preços mínimos para o preço do frete. Sua primeira versão foi contestada por produtores rurais e pela indústria, que alegavam que a cobrança do frete iria inviabilizar o setor produtivo. Foi elaborada uma segunda versão, que reduzia em média 20% dos valores mínimos dos fretes. Poucas horas após ser publicada e com críticas de diversos setores, o governo revogou a tabela. Foi só pouco antes do recesso parlamentar e com forte pressão dos caminhoneiros que o Congresso aprovou a tabela de preços mínimos para o transporte rodoviário.Houve também a isenção da cobrança de eixo suspenso de caminhões vazios em pedágios, em todo território nacional e a garantia de que a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) contrate 30% de seus fretes com caminhoneiros autônomos.

Qual é o impacto fiscal das medidas?

Sem espaço para aumentar impostos, o governo cortou incentivos para setores da indústria para bancar os R$ 13,5 bilhões da chamada "bolsa caminhoneiro", destinados aos subsídios ao diesel. Desse total, R$ 4 bilhões virão com o aumento da arrecadação gerado pelo fim de programas de incentivos às empresas. Os R$ 9,5 bilhões restantes

serão pagos com reservas financeiras do governo e corte de verbas para várias áreas, inclusive saúde, educação, moradia e saneamento básico. O governo também cancelou despesas de 40 obras em rodovias, além de patrulhamento. Os setores que tiveram benefícios cortados para o custeio da 'bolsa caminhoneiro', como a indústria de bebidas, pressiona o Congresso para ver seus subsídios retomados.

Qual foi o impacto da greve dos caminhoneiros na economia?

Segundo a coordenadora do boletim de macroeconomia do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre) da Fundação Getúlio Vargas, Silvia Matos, o impacto da greve dos caminhoneiros será de cerca de R$ 15 bilhões no Produto Interno Bruto (PIB) deste ano. Segundo ela, isso representa um recuo de 0,2% na previsão de crescimento do PIB. Entretanto, projeções preliminares de diversos segmentos da economia consultados pelo *Estado* apontam para perdas de mais de R$ 75 bilhões.

Qual foi o total de multas aplicadas pelo governo?

Junto com a Medida Provisória que permite o estabelecimento de preços mínimos para os fretes rodoviários, os parlamentares incluíram um trecho que prevê a anistia das multas aplicadas durante a greve. Apesar de concordar em anistiar as multas rodoviárias que foram aplicadas durante a paralisação, o governo quer analisar às multas judiciais que envolvem suspeita de locaute na greve dos caminhoneiros individualmente.

O locaute se configura quando um grupo de empresas "trava" a economia como um todo para obter vantagens para seu setor de atividade. Durante a greve, foram aplicadas multas às empresas de transporte por supostamente incentivar os caminhoneiros a realizarem bloqueios em estradas. Mais de R$ 715 milhões já foram aplicados em multas com base em uma liminar do ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal.

Fonte: O Estado de São Paulo (22/05/2018)

Portanto, este trabalho é uma monografia em Análise de Discurso a qual foram analisados dois tipos de discurso tendo como base o evento Greve dos Caminhoneiros que acorreu em maio de 2018. O primeiro discurso analisado foi o dos veículos oficiais, especialmente Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo. O segundo discurso analisado foi o das redes sociais, principalmente do Facebook. Nas duas análises, ficaram evidentes as principais características do discurso: ideologia, imaginário e a formação discursiva. Os veículos oficiais

com uma ideologia de respeito, veracidade, checagem e, dessa forma criaram um imaginário deles para o público e deles para eles mesmos de alta credibilidade em relação as informações veiculadas. E com discursos, propagandas e marketing nesse mesmo sentido, fizeram por um tempo o imaginário popular ser exatamente esse.

Já os não-oficiais (como o Facebook) com as mesmas ferramentas – ideologia, imaginário e formação discursiva – foi gradativamente se formando um local alternativo para a insatisfação do público que consumia conteúdos de meios oficiais. Essa insatisfação começou nos últimos dez anos mais ou menos, segundo as entrevistas diretas qualitativas feitas nessa pesquisa, em função de um envolvimento estreito entre jornalismo e política e isso como em dúvida a tal credibilidade que existia no imaginário popular em relação aos oficiais. Assim, as redes sociais se tornaram uma espaço mais democrático para a sociedade (já que as pessoas podem comentar o assunto, ou até mesmo produzir a informação). Os discursos criados nessas redes são mais diretos, simples e a grande maioria convoca as pessoas para participarem do assunto através de comentários, curtidas e compartilhamentos.

A diferença de discursos, nesse contexto, criou diferentes demandas e diferentes efeitos na comunicação. Veículos oficiais passaram de um imaginário de respeito e credibilidade para um imaginário incerto e com interesses pessoais e políticos. Veículos não-oficiais passaram de um imaginário “fútil” para um de confiança e alternativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise dos discursos nos veículos oficiais e alternativos durante a importante Greve dos Caminhoneiros em maio de 2018. O evento serviu como base para o estudo evidenciar os reflexos desse importante acontecimento no Brasil que trouxe vários questionamentos, inclusive, para o trabalho jornalístico.

Como objetivo, a pesquisa buscou analisar os efeitos discursivos que cada cobertura produziu salientando o antagonismo entre “velocidade” e “apuração” que se dá nas diferentes coberturas midiáticas. Assim, este trabalho se justifica pela evidência que a Greve dos Caminhoneiros trouxe para a área jornalística. A importância da cobertura midiática de tal evento foi grande, e desvelou uma diferença importante entre a cobertura dita “formal” em relação à cobertura “informal”.

De um lado, então, foi mostrado de que maneira ocorreu a cobertura formal, mas também qual foi o discurso utilizado para essa cobertura, assim como o discurso utilizado por esses veículos oficiais para criarem um imaginário de credibilidade, confiança e veracidade ao longo dos anos – o qual se modificou nos últimos anos.

De outro lado, foi mostrada que, apesar da cobertura informal ter questões negativas (como a apuração das informações serem menos precisas), hoje ela é uma alternativa para a população, em especial, para os caminhoneiros. Através de análises tanto nos discursos oficiais, quanto nos não-oficiais, ficou claro que essa preferência das pessoas se informarem pelas redes sociais se deu, principalmente, pela mudança de imaginário em relação aos jornais tradicionais.

O imaginário de credibilidade e confiança em relação aos veículos tradicionais foi construído através de formações discursivas favoráveis a esses jornais, com propagandas, marketing e comprovações dos fatos. Porém, houve uma mudança desse mesmo imaginário com a chegada das redes sociais (como Facebook, WhatsApp). Por meio de formações discursivas, também, só que dessa vez contrárias aos veículos oficiais, os veículos alternativos

começaram a questionar informações em um espaço que era apenas de entretenimento. Essa alternativa possibilitou que as pessoas tivessem voz, que elas falassem por elas mesmas. Essa mudança de imaginário aconteceu em função da chegada das redes sociais, mas também em função do envolvimento mais ácido do jornalismo com a política.

As entrevistas feitas possibilitaram escancarar essa mudança de imaginário das pessoas em relação aos veículos tradicionais. Além disso, elas também possibilitaram mostrar a fragilidade das informações compartilhadas em redes sociais – com pouca checagem e apuração. Esses discursos (formal e informal) foram analisados segundo a metodologia fornecida pela Análise do Discurso de Eni P. Orlandi (2001), que consiste no cotejamento entre dados e teoria na forma de espiral, que busca aprofundamento da análise dos dados ancorados pela teoria.

Conclui-se, portanto, que a informação rápida, imprecisa e não verificada que circula nas redes sociais, ainda que seja uma alternativa que a sociedade tenha entrado, é perigosa e possui riscos tanto para sociedade quanto para o meio jornalístico – principalmente por causa das *fake news*. A desconstrução (ao longo dos anos) do imaginário que as pessoas tinham em relação à mídia tradicional também é um resultado de importante análise e que o jornalismo deveria ter como autocrítica. O fato é que em um futuro não tão distante, o jornalismo vai precisar questionar algumas de suas práticas, como a velocidade e a linguagem – mesmo que, por outro lado, essas transformações implicam em produzir um outro tipo de informação. Mas a questão é: esse jornalismo tradicional está preparado para isso?

REFERÊNCIAS

BORGES, Rodolfo. Greve dos caminhoneiros: como se formou o nó que levou à paralisação. **El País,** São Paulo, Maio 2018. Disponíveis em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/24/economia/1527177800_693499.html>. Acesso em: 01 julho 2020.

BRASIL é segundo país com a maior confiança na mídia, diz estudo. **G1 Jornal Nacional**. Junho 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/06/brasil-e-segundo-pais-com-maior-confianca-na-midia-diz-estudo.html> Acesso em 29 setembro 2020.

CONDIÇÕES de trabalho e de vida dos caminhoneiros. **ERGONOMIA DA ATIVIDADE**. Maio 2018. Disponível em: < https://ergonomiadaatividade.com/2018/05/29/condicoes-de-trabalho-e-de-vida-dos-caminhoneiros/>. Acesso em: 02 julho 2020.

GASOLINA chegou a R$ 10,56 durante greve dos caminhoneiros. Preços variam 173%, diz pesquisa. **Extra.** Junho 2018. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/economia/gasolina-chegou-r-1056-durante-greve-dos-caminhoneiros-precos-variaram-173-diz-pesquisa-22743714.html>. Acesso em 03 julho 2020.

GREVE dos Caminhoneiros. **G1 Economia**. Junho 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/ao-vivo/greve-de-caminhoneiros-maio-de-2018.ghtml> Acesso em 17 setembro 2020.

GREVE dos caminhoneiros: a cronologia dos 10 dias que pararam o Brasil. **Uol Economia**. Maio 2018. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2018/05/30/greve-dos-caminhoneiros-a-cronologia-dos-10-dias-que-pararam-o-brasil.htm> Acesso em 17 setembro 2020.

GREVE dos caminhoneiros: entenda o movimento que parou o Brasil. **O Estado de S. Paulo**. Maio 2018. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,perguntas-e-respostas-sobre-a-greve-dos-caminhoneiros,70002319904> Acesso 24 novembro 2020.

GREVE: preço da gasolina varia até 99,85% nos postos. **Veja**. Maio 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/greve-preco-da-gasolina-varia-ate-9985-nos-postos/ > Acesso 24novembro 2020.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Ideologia Alemã.** Petrópolis: Vozes, 2019.

MESQUITA, Lígia. Crise revela dependência de transporte rodoviário que é ‘mais barato e dá voto’. **BBC News,** Londres, Maio 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44247460>. Acesso em: 02 julho 2020.

MÍDIA tradicional ainda é mais popular que a digital. **Exame.** Junho 2013. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/midia-tradicional-ainda-e-mais-popular-que-a-digital/ > Acesso em 29 setembro 2020.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso:** Princípios & Procedimentos. Campinas: Pontes, 2001.

PESQUISA aponta: sete em cada dez brasileiros se informam pelas redes sociais. **Olhar Digital.** Fevereiro 2019. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/noticia/pesquisa-aponta-sete-em-cada-dez-brasileiros-se-informam-pelas-redes-sociais/82274> Acesso 29 setembro 2020.

TAVARES, Leandro. Como é ser um caminhoneiro no Brasil. **Revista Auto Esporte.** Julho 2019. Disponível em: <https://revistaautoesporte.globo.com/Noticias/noticia/2019/07/como-e-ser-um-caminhoneiro-no-brasil.html>. Acesso em: 03 julho 2020.

ANEXOS

UNAERP Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá
CURSO DE JORNALISMO

AUTORIZAÇÃO

Eu Júlio Rodrigo Rosa,
abaixo assinado(a), autorizo (nome do estudantes) Letícia Pane,
estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: Greve dos caminhoneiros: análise dos efeitos de discurso da cobertura midiática formal e informal e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) João Flávio de Almeida.

Ribeirão Preto, 30 de Outubro de 2020.

Assinatura do entrevistado

UNAERP Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá
CURSO DE JORNALISMO

AUTORIZAÇÃO

Eu MATEUS DIAS DA SILVA, abaixo assinado(a), autorizo (nome do estudantes) Letícia Pome, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: Greve dos caminhoneiros: análise dos efeitos de discurso da cobertura midiática formal e informal e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) João Flávio de Almeida.

Ribeirão Preto, 08 de novembro de 2020.

MATEUS DIAS DA SILVA
Assinatura do entrevistado

UNAERP Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá
CURSO DE JORNALISMO

AUTORIZAÇÃO

Eu CARLOS APARECIDO DOS SANTOS, abaixo assinado(a), autorizo (nome do estudantes) Letícia Pane, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: Guia dos caminhoneiros: análise dos efeitos de discurso da cobertura midiática formal e informal e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) João Flávio de Almeida.

Ribeirão Preto, 08 de novembro de 2020.

Carlos Aparecido dos Santos
Assinatura do entrevistado

UNAERP Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

CURSO DE JORNALISMO

AUTORIZAÇÃO

Eu Clemente Donisete da Silva, abaixo assinado(a), autorizo (nome do estudantes) Letícia Pane, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: Gente dos caminhoneiros: análise dos efeitos de discurso da cobertura midiática formal e informal e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) João Flávio de Almeida.

Ribeirão Preto, 30 de outubro de 2020.

Assinatura do entrevistado

UNAERP Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

CURSO DE JORNALISMO

AUTORIZAÇÃO

Eu Fabricia Ruiza Roncaratti Soniolo abaixo assinado(a), autorizo (nome do estudantes) Leticia Pane, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: Que dos caminho... ser: análise dos efeitos de discurso da abertura midiática formal e informal e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Pedro Flávio de Almeida.

Ribeirão Preto, 02 de novembro de 2020.

Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu JOSÉ MARCOS DE OLIVEIRA, abaixo assinado(a), autorizo (nome do estudantes) Leticia Pome, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: Greve dos caminhoneiros: análise dos efeitos de discurso da cobertura midiática formal e informal e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) João Flávio de Almeida.

Ribeirão Preto, 08 de novembro de 2020.

Assinatura do entrevistado